

## A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM INGLÊS COMO LE POR FALANTES DO BREJO PARAIBANO

Jackeline Freitas de Sousa

Leônidas José da Silva Jr.

*Universidade Estadual da Paraíba*

[jackelinefreitas521@gmail.com](mailto:jackelinefreitas521@gmail.com)

[leonidas.silvajr@gmail.com](mailto:leonidas.silvajr@gmail.com)

### RESUMO

Pensar na aquisição de uma língua estrangeira (LE) implica considerar principalmente os mecanismos necessários à sua aquisição fonológica. O domínio fonológico é o meio que mais favorece a ocorrência da transferência linguística. Quando se aplica os mesmos recursos linguísticos da língua materna (LM) na LE o processo de interferência se apresenta de forma natural. Diante disso, esta pesquisa objetiva avaliar a interferência fonológica no contexto fônico /st/ sendo realizado como [ʃt], mais especificamente na posição de coda medial, na produção de palavras do inglês como língua estrangeira (LE) por falantes do dialeto do brejo paraibano, visto que a palatalização de /s/ neste ambiente fonológico é um traço característico dessa região e permitido fonotaticamente na língua portuguesa (LP). Fundamenta-se teoricamente em estudos de Ladefolged & Disner (2012), Ladefolged & Johnson (2011), Stein (2011), Oliveira (2009) e Roach (2005). Para nossa metodologia, utilizamos um *corpus* que foi constituído a partir da coleta de dados de quinze informantes: sendo seis sapeenses, seis guarabirenses e três nativos americanos dos Estados Unidos falantes do inglês como língua materna (LM). Os informantes realizaram leitura de palavras aleatórias contendo o nosso objeto de estudo: a fricativa alveolar surda /s/ diante de uma oclusiva alveolar /t/. Por se tratar de uma pesquisa de cunho empírico, optamos pela análise acústica dos dados no programa computacional *PRAAT*. As análises aqui realizadas mostram que, o fonema /s/ é realizado como fricativa palatal [ʃ] neste ambiente fonológico. Observamos também que a variável relacionada ao nível de proficiência, influenciou no processo de palatalização na LE. Em consonância com Silva Jr & Silva (2014), propomos ênfase no uso da habilidade *listening* no processo de ensino-aprendizagem de LE ao invés de priorizar leitura e escrita no primeiro momento.

**Palavras-chave:** Fricativa alveolar, Interferência fonológica, Palatalização, Ensino.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa desenvolve-se na perspectiva da transferência linguística. Lado (1957) observou que, na aprendizagem de uma língua estrangeira, os indivíduos tendem a transferir as formas e significados de sua língua materna (LM) para a língua estrangeira (LE) através de um processo que denominou transferência linguística, uma vez que os aprendizes tendem a processar os sons da LE como se fossem os mesmos encontrados na LM. Em seus primeiros contatos com a LE, é normal que o aprendiz não consiga distinguir que certos sons não são os mesmo da LM; e que cada língua

dispõe de seu sistema fonológico característico, o que em uma é um fonema na outra pode ser apenas uma variação deste mesmo fonema.

Diante disso, na aquisição de LE, a (LM) torna-se o ponto de partida na aprendizagem da língua-alvo, o que pode acarretar a transferência de padrões da LM sobre a LE. Bem como argumenta Zimmer (2003, p.59):

“(...) os aprendizes baseiam-se no conhecimento que tem de sua língua materna para compreender como a língua estrangeira é estruturada – seja no nível fonológico, sintático, semântico ou pragmático – e para produzi-la. Esse processo é chamado de transferência de propriedades da L1 para a L2.”

E que de acordo com Lima (2012, p. 15), o domínio fonológico é o meio que mais favorece a ocorrência da transferência linguística. Quando se aplica os mesmos recursos linguísticos da LM na LE o processo de interferência<sup>1</sup> se apresenta de forma natural, o que demonstra que a LM exerce uma grande influência sobre a LE. A essa transferência de padrões da LM sobre a LE, dá-se o nome de Transferência Fonológica (TF).

Partindo da hipótese de que há TF na aquisição da LE, o trabalho objetiva priorizar um estudo comparativo entre o dialeto do brejo paraibano e o inglês como LE, especificamente no que tange à aquisição da fricativa alveolar surda [s], que se realiza como fricativa palatal [ʃ] quando o contexto fonológico seguinte for uma oclusiva alveolar [t], visto que a palatalização de /s/ neste ambiente fonológico é um traço característico dessa região e permitido fonotaticamente na língua portuguesa (LP). Porém, na língua inglesa, a palatalização desse seguimento nesse mesmo contexto não é permitida, pois são fonemas distintos, e portanto, possuem ambientes específicos de pronúncia.

Sendo assim, tentaremos demonstrar, ao longo da pesquisa, que a palatalização da fricativa /s/ em palavras da língua inglesa é condicionada tanto por variáveis linguísticas – o contexto fonológico – e extralinguísticas, como o nível de proficiência.

## **PALATALIZAÇÃO**

O fenômeno da palatalização decorre de assimilação, na medida em que um terminado som influencia o som que o antecede, transmitindo-lhe, neste caso, a propriedade da articulação palatal.

---

<sup>1</sup> Transferência Fonológica (TF) (também chamada de transferência positiva) seria o uso dos fonemas comuns nas duas línguas a imitação. Quanto à Interferência (ou transferência negativa) seria a tentativa de reprodução de fonemas desconhecidos, ou seja, emprego de um fonema da LM com alguma semelhança ao da LE. Isso, no contexto fonológico. (SANT' ANNA, 2003)

Silva (2011, p. 168) define como “(...) fenômeno pelo qual uma consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal”.

É necessário destacar de início que, no que se refere ao dialeto paraibano, as palato-alveolares são as mais utilizadas a depender do contexto fonológico seguinte. Vale ressaltar que há divergências quanto ao termo utilizado para denominar o segmento [ʃ], alguns autores utilizam o termo palatal enquanto Ladefolged (2011) emprega o termo palato-alveolar.

## METODOLOGIA

Os processos metodológicos para a feitura dessa pesquisa, se deu com gravações realizadas no Laboratório de Línguas da UEPB Campus III com informantes brasileiros, na sala de aula da Igreja de Jesus Cristo e no Yazigi com os americanos, todos situados na cidade de Guarabira/PB.

Nosso *corpus* é constituído por quinze informantes, sendo doze brasileiros (três informantes de cada nível de proficiência e três informantes que não possuem contato com a LE) e três nativos americanos. Utilizamos um gravador *Zoom H1 Handy Recorder 200m*.

A coleta de dados foi realizada por meio do seguinte instrumento de pesquisa: leitura de palavras aleatórias contendo nosso objeto de estudo /s/ no contexto fonológico que engatilha a palatalização de [s] – [ʃ]. Essas palavras foram apresentadas aos informantes através de uma apresentação em *Powerpoint*, com uma palavra por slide, em um computador do tipo *laptop*.

Os dados foram rodados e analisados acusticamente no programa computacional *PRAAT* versão 5.3.10.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

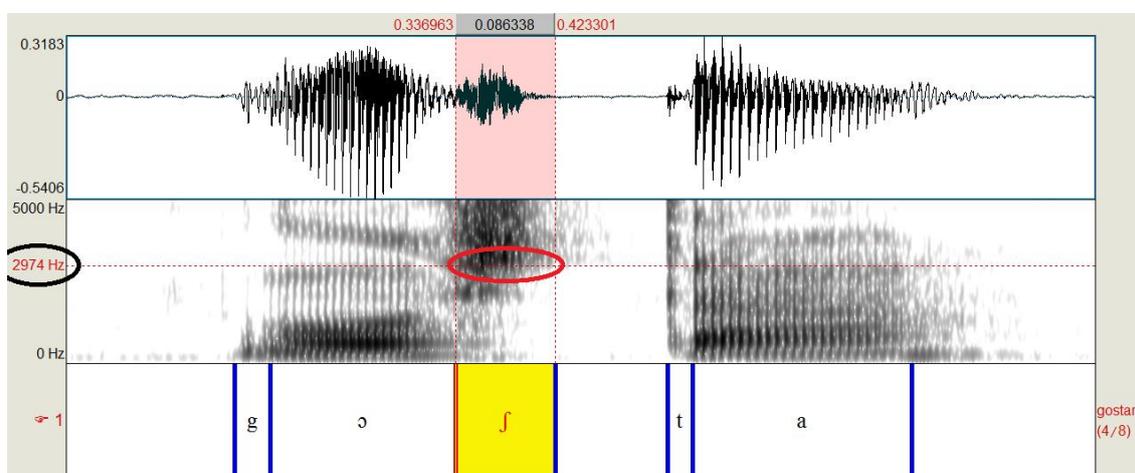


Fig. 1: Produção de gostar - informante 1



Na figura 1, cujo dado foi produzido pelo informante do dialeto do Brejo Paraibano, é possível detectar a fricativa palato-alveolar [ʃ] pela frequência apontada no espectrograma. De acordo com Ladefoged & Johnson (2011), a frequência da fricativa palato-alveolar varia entre 2000-3000 Hz dependendo da vogal que a antecede, caso seja uma vogal baixa a frequência de [ʃ] tende a aumentar e sendo uma vogal alta a frequência tende a diminuir. Ou seja, em ambas as produções ocorrem o fenômeno da palatalização. Os valores da concentração de energia (CE) – a parte mais escura do espectrograma- deste seguimento aperiódico é CE= 2974 Hz.

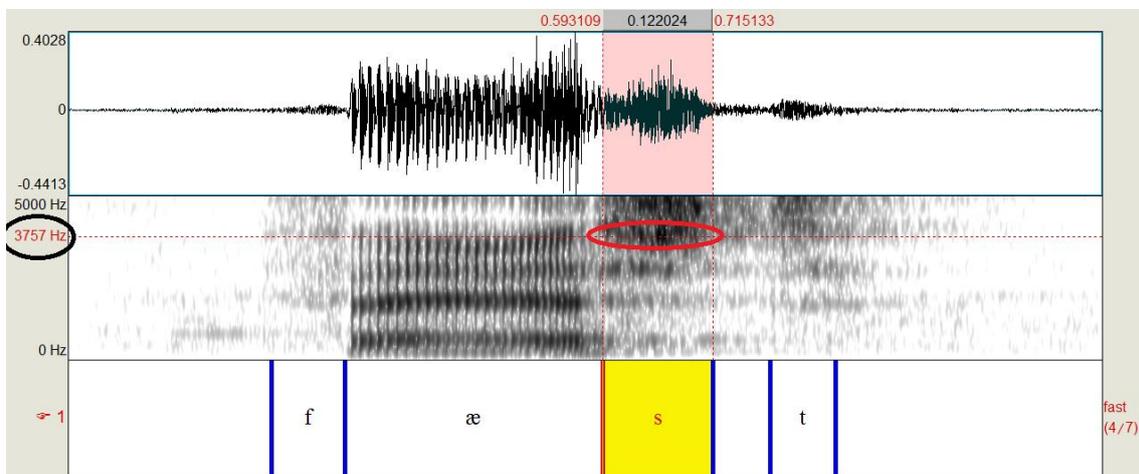


Fig. 2: Produção de *fast* - informante 2

Em oposição aos brasileiros do Brejo paraibano, podemos conferir na Fig.2, produzido pelo nativo americano, que o informante produz a fricativa alveolar –destacada em amarelo e rosa. De acordo com Ladefoged & Johnson (2011), a frequência dessa fricativa sibilante é superior e oscila entre 3000-6000 Hz, dependendo também da vogal que a antecede. O valor de CE deste seguimento foi de 3757 Hz.

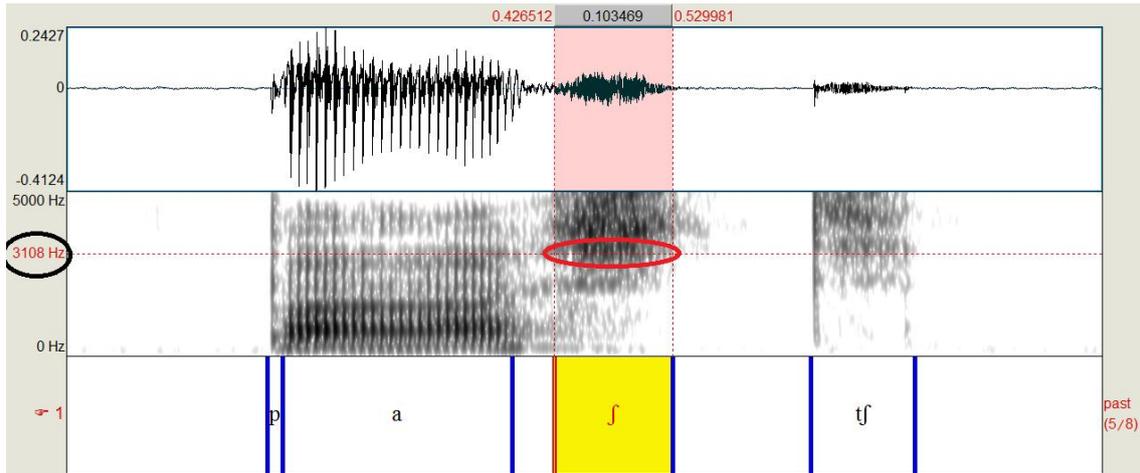


Fig. 4: Produção de *past* - informante 4

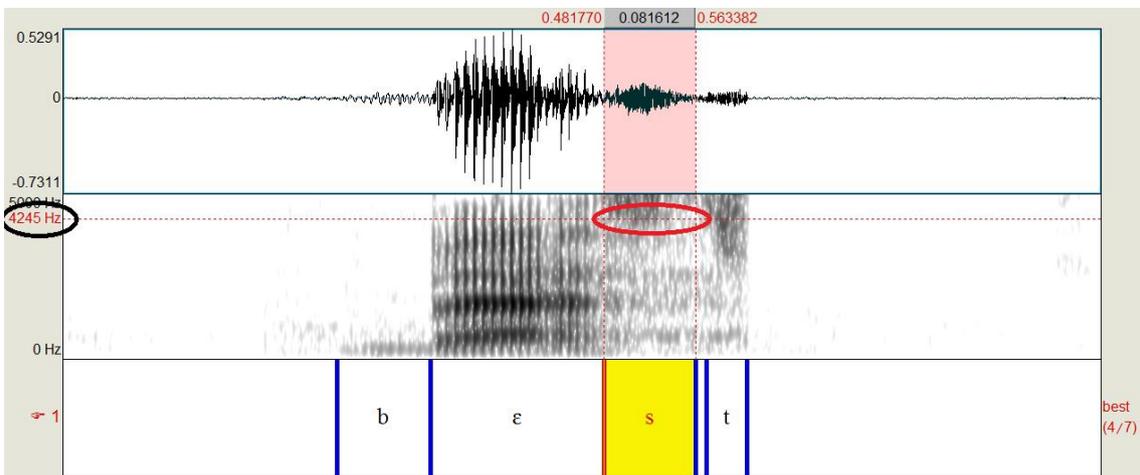


Fig. 5: Produção de *best* - informante 5

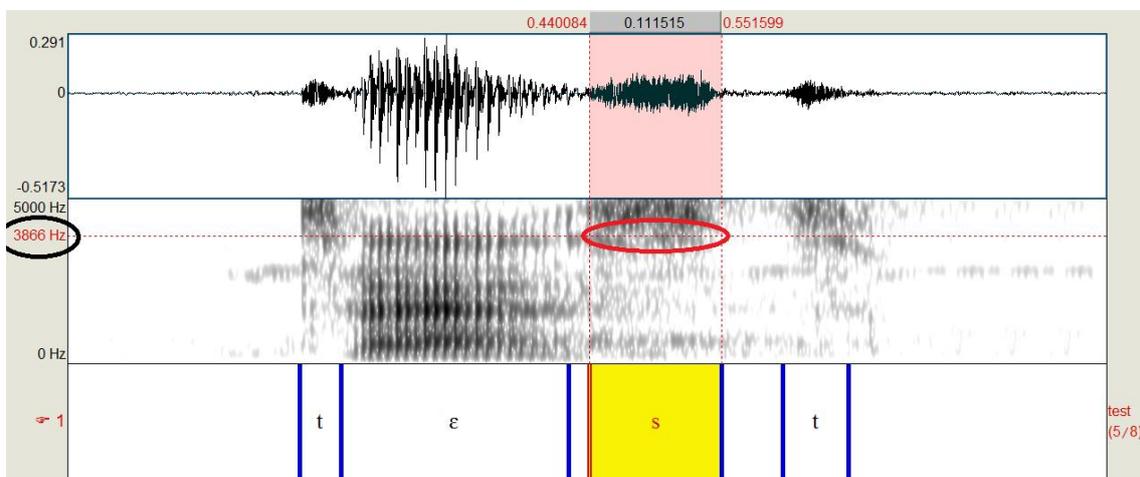


Fig. 6: Produção de *test* - informante 6

Ao analisarmos as fig. 3, 4, 5 e 6, dados produzidos pelos falantes do dialeto do Brejo Paraibano –informantes *sem contato*, *nível básico*, *nível intermediário* e *avançado* respectivamente –, podemos constatar que há TF nas produções de palavras de LE pelos informantes que possuem o nível baixo de proficiência e em ambas as produções há o fenômeno da palatalização da fricativa /s/. Tal constatação sugere que a LM pode exercer efeito em LE. Visto que, na língua portuguesa, isso é um caso típico de alofonia e segundo Silva (2012, p. 168) “é um importante marcador dialetal no português brasileiro”, enquanto na LE são fonemas distintos. O nível de proficiência também é um fator relevante pois, o fenômeno da palatalização não ocorreu na produção de palavras da LE com os informantes com o nível intermediário e avançado. E desconhecendo que a palatalização não é permitida para este ambiente fonológico na LE, o aluno iniciante consequentemente irá reinterpretar o som e aproximá-lo a algum som do sistema sonoro da sua LM.

## CONCLUSÕES

Os dados discutidos nesse relatório refletem como resultados que, há uma forte influência dos fatores linguísticos – o contexto fonológico – e extralinguísticos, como nível de proficiência, no fenômeno de palatalização. E podemos constatar que a transferência de fenômenos fonológicos os quais são comuns na língua materna é muito frequente. Gleason Jr. (1961, p. 364 *apud* SANT’ ANNA, 2013) aponta que, “a LE só será internalizada no momento em que o processo de aprendizagem da língua-alvo for mais abrangente para que ele possa sofrer menos interferências”.

Segundo Zimmer, Alves e Silveira (2006, p. 11), as práticas baseadas em instrução explícita sobre pronúncia podem “exercer efeitos de curto e longo prazo sobre qualquer aspecto da L2 que tenha sido explicitada pelo professor”.

Justifica-se, assim, a prática da instrução explícita sobre dois fundamentos principais: a necessidade de despertar a percepção do aprendiz, o que possibilitará a *Fig. 6.1. Produção de input fonológico da L2*, e a concepção de interação dinâmica entre os conhecimentos implícito e explícito. (Zimmer, Alves e Silveira, 2006, p.12).

Nessa perspectiva, pensar num ensino da LE atrelado ao uso da prática auditiva, nos primeiros momentos da aprendizagem da língua alvo, é fundamental quando tratamos de amenizar as interferências fonologias de uma língua em outra.

Segundo os autores (op.cit.) esse tipo de instrução, possibilita o desenvolvimento da consciência linguística do aluno sobre a L2, e pode ser empregada dedutivamente ou intuitivamente. Alves

(2012, p. 212) ressalta que é “também através do grau de consciência como entendimento que o aprendiz é capaz de descrever explicitamente as características do aspecto linguístico presente no *input* a que ele é exposto”.

Ademais, acreditamos que o processo de conscientização fonológica por meio da instrução explícita pode ser utilizado como fator contribuinte no processo de ensino-aprendizagem. Essa conscientização ajuda o aluno a perceber as diferenças entre os sons da sua LM e da LE no *input* acústico que recebe, envolve-o cognitivamente no seu processo de aprendizagem e melhora seu *output* (Zimmer, Alves e Silveira, 2006). A instrução explícita de aspectos fonético-fonológicos auxilia, portanto, o aluno a reconhecer padrões que não são característicos na língua materna e, assim, ele se torna capaz de diferenciar as ocorrências sonoras da língua estrangeira. De acordo com Barreto e Alves (2012, p.231) “(...) a consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2 é condição necessária para que ocorra a aquisição dos sons da língua-alvo”.

Silva Jr (2014) ainda destaca que, quando o aluno é exposto às atividades de “*listening*” antes de observarem aspectos morfosintáticos da LE, o aprendizado de pronúncia é bem mais efetivo; mesmo na fase adulta.

Com a realização desta pesquisa, as análises de aquisição aqui propostas se mostram como um meio através do qual obteremos um maior entendimento no que diz respeito aos desvios dos padrões fonético-fonológicos da LE, visto que ao saber o porquê de certos desvios, se torna mais fácil encontrar uma solução que venha amenizar tais problemas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. **A importância da consciência fonológica na aquisição do inglês como segunda língua**. 2016. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

ALVES, U. K. **A explicitação dos aspectos fonético-fonológicos da L2: teoria e pesquisa na sala de aula**. In: LAMPRECHT, R. R. et al. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

BARRETO, F. M.; \_\_\_\_\_. **Como inserir o ensino comunicativo de pronúncia na sala de aula de L2.** In: LAMPRECHT, R. R. et al. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa.* 2. ed. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012.

BRESCANCINI, C. R.. **A representação lexical das fricativas palato-alveolares:** uma proposta. Curitiba, Revista Letras, Universidade Federal do Paraná, n.61, p. 299-310. 2003.

LADEFOGED, P.; DISNER, S. F.. **Vowel and Consonants.** Oxford: Blackwell Publishing, 2012.

\_\_\_\_\_.; JOHNSON, K. **A Course in Phonetics.** 6th ed. Boston: Wadsworth, 2011.

LADO, R. *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers.* Ann Harbor: University of Michigan Press, 1957.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: Fonologia.** 3ed. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, D. da H. **Fonética e Fonologia,** 2009. Disponível em: <[http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica\\_e\\_fonologia\\_1360068796.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf)>. Acesso em 02 de Abril de 2017.

ROACH, P. **English Phonetics and Phonology.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SANT'ANNA, M. R. de. **As Interferências Fonológicas no Inglês como Língua Estrangeira para os Falantes do Português do Brasil.** São Paulo, Dialogia (UNINOVE. Impresso), 2003.

SILVA, T. C. **Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro.** Belo Horizonte: Editora Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Fonética e Fonologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA Jr, L. J. Anais do IV ENID, 2014. **O ensino de pronúncia na formação do aluno de letras:** contribuições da habilidade “listening”. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/anais.php>>. Acesso em 08 de março de 2017.

STEIN, C. C. **O percurso acústico-articulatório da alofonia da consoante lateral palatal.** Domínios de Linguagem. Minas Gerais: Revista Eletrônica de Linguística, 2011.

ZIMMER, M. C. **A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora:** uma abordagem conexionista. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.